

Cheias afetam polos de produção de aves, suínos e vacas leiteiras

Produção agropecuária e vidas sob risco depois das inundações

Os 79 municípios com decreto de emergência reconhecido abrigam quase um terço de aves, porcos e vacas leiteiras no Estado



Seno Messer, ao lado da esposa Edí, relata que "restaram ruínas e seis anos de uma dívida para pagar"

RAFAEL VIGNA
rafael.vigna@zerohora.com.br
Colinas

Carcasas de animais em decomposição nos campos e nas matas nativas. Plantas industriais e de cooperativas devastadas. Insumos, produtos, rações, embalgens, instalações e maquinários inutilizados pelo barro. Armazéns, chiqueiros, tambos e aviários destruídos. Estradas submersas e lavouras em semeadura (milho) e floração (trigo) alagadas. Atividade e renda dos produtores comprometidas. Essa é a realidade na zona rural de pelo menos 79 cidades gaúchas com decreto de emergência já reconhecido, sobretudo as do Vale do Taquari e do norte do Estado, desde o início das enxurradas no dia 4 de setembro.

Três semanas depois, os relatos não param de emergir. Seno Messer, presidente do Sindicato Rural de Colinas (cidade de 2,4 mil habitantes entre Roca Sales e Estrela), relembra, ao lado da esposa Edí, o terror vivenciado na noite em que as águas do Rio Taquari levaram, em menos de três horas, o trabalho e o patrimônio

erguido por toda a vida do casal. Duas creches (local de aleitamento dos porcos) vieram abaixo. A plantação de milho para as rações, metade do gado de corte, vacas leiteiras e galinhas desapareceram em ondas formadas num dos canais do Taquari, que avançou sobre a propriedade com a "violência de um mar", relata. Os berros da única ovelha que mantinham na propriedade, antes do afogamento, não lhes sai da memória.

— Restaram ruínas e seis anos de uma dívida para pagar. Se a estrutura estivesse em pé poderíamos recomeçar. Era o nosso trabalho, renda, o meu forte. Estou pensando em desistir da atividade, precisamos de ajuda e recursos a fundo perdido — lamenta o produtor de 62 anos, ao apontar para os escombros, cujo financiamento ainda terá de quitar, agora, sem ter sequer de onde tirar o próprio sustento. — A essa altura, estar vestindo a roupa que outros me doaram, porque já não tenho nada... — interrompe-se por uma lágrima que escapa atrás dos óculos. Juntos, os 79 municípios respondem por 55,07 milhões de

unidades de aves, porcos e vacas leiteiras. Significa quase um terço (28%) das 196,82 milhões existentes no Estado. Nos locais, são gerados, por ano, em torno de R\$ 2,7 bilhões em produtos como ovos, mel, leite e lã, segundo as pesquisas da Pecuária Municipal e da Produção Agrícola Municipal, ambas atualizadas com dados de 2022 na última quinta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Impacto

Outros R\$ 20,9 bilhões têm origem na renda que brota do trigo, do milho, da soja, da aveia, dos tomates, do tabaco, da laranja, da uva, da maçã, da mandioca e da erva mate, por exemplo. Em apenas seis cidades afetadas — Encantado, Estrela, Arroio do Meio, Teutônia, Colinas e Cruzeiro do Sul — estavam quase 5,4% de todos os porcos do Rio Grande do Sul. Eram 332,2 mil cabeças das 6,17 milhões que formam o rebanho gaúcho de suínos. Quando avaliados os 79 municípios, a participação é de quase um quarto: 22,2%, com 1,37 milhão de porcos.

Exemplos de dificuldades setoriais

FRANGO

• As 79 cidades com decreto de emergência respondem por 26% dos frangos no Rio Grande do Sul. O Vale do Taquari abriga seis dos principais frigoríficos no Estado. Há problemas em maquinários e estruturas que afetam a produção. A Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav) estima os prejuízos em R\$ 230 milhões.

• Na granja avícola Bom Frango (que atua com 57 integrados, com capacidade de alojamento de 750 mil aves por mês), houve danos em frigoríficos, na fábrica de ração, no secador e na armazenagem de grãos, gerando perdas avaliadas em R\$ 7,8 milhões. Atualmente, as atividades ocorrem com menos da metade da capacidade.

INDÚSTRIA

• A capacidade da fábrica de produtos industrializados da Minuano, que abrigava 380 funcionários em Arroio do Meio, era de 2,3 mil toneladas por mês antes do enchente. Com danos em equipamentos, estrutura e refrigeração, houve o descarte de produtos, insumos e matérias-primas. Por mais de uma semana, os clientes e o mercado onde atua ficaram desabastecidos e sem gerar faturamento. Ainda não há estimativa do valor dos prejuízos, mas serão elevados, diz Margaret Schacht Herrmann, diretora industrial da companhia.

COOPERATIVAS

• Na Languiçu, há danos nos frigoríficos de suínos (Poço das Antas) e de aves (Westfália), na indústria de laticínios (Teutônia), na fábrica de rações (Estrela) e no posto de recebimento de grãos (Estrela). Dos 3.995 associados, 2.463 (61,7%) ficaram sem produção, em 40 municípios, a maioria do Vale do Taquari.

• Mais de 80% dos funcionários tiveram perdas com as enchentes. O Sistema Ocerog aponta que a situação prejudica 96 cooperativas gaúchas de todos os ramos.

LEITE

• A Associação dos Criadores de Gado Holandês do RS (Gadolando) estima perdas de 500 mil litros e 10 mil hectares de pastagem.

• Com problemas de alimentação, segundo o Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados no RS (Sindilat-RS), o setor, que já enfrentava entraves na formação de preços e concorrência com o Mercosul, receberá carga adicional nos custos e, consequentemente, mais redução de renda, algo desestimulante para a atividade.

• Números parciais da Emater-RS apontam em R\$ 1 bilhão as perdas da cadeia produtiva em razão das chuvas nos 79 municípios com decreto de emergência já reconhecido. Estes municípios geraram R\$ 2,1 bilhões, ou seja 23%, dos R\$ 9,1 bilhões movimentados pelo segmento em 2022, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

SUÍNOS

• Há danos e paralisações em empresas de grande porte. As maiores, como BRF, JBS e Dilla, têm produtores integrados ou cooperados com avarias, que ampliam questões relacionadas com a intensidade de produção das plantas, conforme o Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos do RS (Sips), bem como trabalhadores afetados.

• No atual cenário, boa parte do beneficiamento (abates e produção de embutidos) migrará para Santa Catarina, o que reduzirá as divisas gaúchas (tributos e circulação de valores) relativas à produção, projeta o presidente do Sips, Rogério Kerber.

GRÃOS

• No final do plantio do milho e começo da floração do trigo, cooperativas que recebem os grãos em armazéns contabilizam as perdas junto aos associados. Muitas que entram com o financiamento de parte dessas safras já tiveram perdas de R\$ 14 milhões com a estiagem. É o caso da Arla, de Lajeado, que atua também em Cruzeiro do Sul, Arroio do Meio, Encantado, Roca Sales, Estrela, Teutônia, Maçum e General Câmara. Tem 2 mil cooperados e R\$ 20 milhões em aberto nas lavouras atingidas.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Tragédia no RS **Página:** 18